

Pompeu evita o "já ganhou", mas fica emocionado

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Caçado desde o início da tarde pelo repórter, só às 16 horas foi possível falar com o candidato Pompeu de Souza em seu comitê da 713 Sul. E àquela altura, envolvido nas andanças de campanha desde manhã, ele não sabia que a pesquisa da LPM realizada no Distrito Federal apontava o seu nome como o segundo da preferência popular ao Senado, com um percentual de 16,1, que somados aos 4,6 de Carlos Murilo totalizam 20,7 por cento, o que lhe garante condições aritméticas de estar virtualmente eleito. A primeira reação do tarimbado jornalista foi de pura emoção, recompondo-se em seguida e lançando ao ar palavras como se fosse um brinde:

— "Se essa pesquisa é de fato uma indicação de que fui escolhido pelo povo brasileiro, ofereço essa vitória à minha mulher Othília, principal companheira de campanha, que é incansável, que é a minha projeção. Ela tem feito um trabalho de base excepcional..."

O largo sorriso da vitória antecipada é substituído por uma expressão de seriedade, de respeito, própria de quem exerceu o jornalismo por tantos anos e sabe separar o sonho da realidade.

— Precisamos ter cuidado para não superestimar os dados dessa pesquisa. E também não vamos cair no erro do já ganhou. Porque o já ganhou é o caminho mais curto para a derrota. E preciso trabalhar cada vez mais sem esmorecer — disse ele.

LUTA ANTIGA

Com 70 anos de idade cronológica, mas com a inquietação e a vitalidade de um adolescente, o cearense cidadão do mundo, Pompeu de Souza Brasil sempre mergulhou de corpo inteiro em todos os projetos em que se meteu. Foi assim quando resolveu transformar, na década de 50, o *Diário Carioca* numa moderna escola de jornalismo. E foi assim quando tentou implantar (foi cassado) na UnB no começo dos anos 60 um revolucionário curso de Jornalismo. Tinha sido assim também, quando enfrentou de peito aberto a ditadura getulista do Estado Novo e o regime militar de 64, a que ele chama de "Estado Novíssimo".

E, como não podia deixar de ser, está sendo assim em sua campanha para o Senado pelo PMDB, partido que ajudou a fundar e do qual foi presidente do diretório brasileiro. E tudo ou nada, em estilo personalíssimo de candidato que não sabe fazer demagogia não gosta de mentir, com risco de perder poucos votos, mas nunca de pecar pela incoerência.

— Não distingo mais os dias da semana e nem mais os dias do mês. E, freqüentemente, os dias quase se emendam. Tenho dormido duas a três horas por noite. E quando consigo dormir cinco horas é como se dormisse uma eternidade. Mas esse contato foi profundamente benéfico porque mais do que dar alguma coisa ao povo, eu tenho recebido do povo muita coisa. Faço questão de ouvir o povo, de sentir o povo, de sentir o sentimento popular. Isso é fundamental. E, por outro lado, é para mim gratificante porque o povo está correspondendo até muito além do que esperava.

Declarando-se na condição de um candidato pobre, "que sempre viveu a vida inteira de salários, nunca soube ganhar dinheiro; aliás eu sempre soube não ganhar dinheiro", Pompeu garante que da mesma forma como a sua candidatura, também a sua campanha está sendo feita na base da geração espontânea, com um pequeno staff a que chama "o meu exército de Brancalione": sua mulher Othília, o sociólogo Fernando Jorge (o coordenador), dois filhos e o genro.

A CONSTITUINTE

— Como espera que vá ser a Constituinte: progressista, retrógrada, conservadora, revolucionária?

— Tenho plena esperança de que a Constituinte não seja conservadora, de que realmente ela importa em mudança. Este País padece de uma grande carga de injustiça com a sua população. E a verdade é que tem tido até constituições bastante razoáveis, como a Constituição de 34 e 46. Mas é preciso ir além, porque não acredito em democracia que seja apenas a garantia de direitos políticos e civis. Não acredito em democracia que seja apenas política. Só acredito em democracia que seja política, econômica e social. Porque só com esses três adjetivos ela se torna substantiva. E preciso isso. E estou convencido de que ainda que sejam



Pompeu atribui à sua mulher crescimento nas pesquisas

eleitos alguns candidatos conservadores — e alguns vão ser eleitos, acho que as condições criadas pela própria população provocarão uma tal compulsão popular que mesmo esses conservadores serão levados a se engajar na proposta reformista.

Pompeu de Souza não só acredita nessa influência do povo pressionando parlamentares constituintes, mas que a Constituinte seja o primeiro passo para a redemocratização do País.

— Depois que o povo, nas ruas, derrubou a ditadura graças à Campanha das "Diretas Já" e à campanha de Tancredo Neves, o presidente José Sarney tem se mostrado à altura da missão histórica que lhe coube. Ele tem procurado manter o País em estado de democracia política. E isso apesar das circunstâncias... Costumo dizer que nós, institucionalmente, estamos habitando numa nuvem. O que está institucionalizado na legislação, seja na Constituição, sejam nas leis complementares ordinárias, é todo um arcabouço político autoritário de um regime de arbítrio. Só que não está sendo aplicado. A atual Constituição é uma colcha de idéias de alta rotatividade, que não é Constituição com tudo isso em vigor: a Lei de Imprensa em vigor, a Lei de Segurança Nacional em vigor, que não está sendo aplicada porque o governo tem um pacto com o povo, um governo que foi posto no governo em função do povo.

Ao afirmar que recebe o resultado dessa pesquisa da LPM com profunda emoção, mas também com grande responsa-

bilidade no cumprimento do mandato de senador, aspiração de toda uma vida em participar na elaboração de uma Constituição, Pompeu diz que pretende inserir na Constituinte a criação de um Estado constitucional que confira ao povo brasileiro a condição que ele nunca teve, que é a condição de participante ativo no poder.

— "Porque na verdade tudo o mais é abstração: todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido. Porque ele, o povo, nunca foi conscientizado, nunca foi preparado para isto".

Outra proposta prioritária que o candidato do PMDB pretende acrescentar na Constituição se relaciona diretamente com a autonomia do Distrito Federal, partindo da premissa de que apenas a representação política brasileira não é o bastante.

— A minha campanha, da mesma forma como a campanha de meu partido, foi sempre a de atribuir a plena autonomia política e institucional ao Distrito Federal. E isso só é possível com uma Constituinte que proporcione uma autonomia política para eleger um governador e seus representantes numa Assembleia Legislativa ou Conselho Legislativo. Uma assembleia que elabore um texto constitucional para o Distrito Federal, que precisa ser elaborado pelos próprios representantes brasileiros. E que essa assembleia de representantes também faça a divisão municipal para que então se elejam os prefeitos dos vários municípios que integrarão o Distrito Federal. Concluiu.